

# transversais

## A Transgeneridade no Mundo Atual

# Sumário

- Editorial P. 02
- O desenvolvimento e recepção de personagens não-binários em jogos eletrônicos P. 03
- LGBTfobia ou norma gramatical? P. 07
- Hormônios e saúde P. 09
- Inclusão e as barreiras de pessoas trans no esporte P. 11
- Bibliografia P. 13
- Integrantes P. 14



# Editorial

A e-zine traz como tema principal “A Transgeneridade no Mundo Atual” como uma resposta ao mundo contemporâneo, explorando a complexidade e profundidade da sigla da comunidade LGBTQIA+, ao explorar a vivência de pessoas da comunidade transgênero (trans) e pessoas não-binárias em seus círculos sociais. Dessa maneira, buscamos pesquisar o cotidiano desses grupos junto do seu impacto na indústria cultural, visando representatividade e visibilidade de suas pautas amplamente discutidas na contemporaneidade. Sendo assim, esta edição vai além das estatísticas, trazendo consigo um senso de responsabilidade nas vivências dos indivíduos aqui apresentados.

A e-zine busca conectar os leitores a explorar e desenvolver um repertório e conhecimento sobre a cultura dessas comunidades demonstrando sua presença nos campos das artes, moda, audiovisual e no mercado emergente dos vídeos games, ao passo que também contextualiza as problemáticas que cercam essas vidas, e suas experiências enquanto indivíduos na contemporaneidade.

Escrito por: Guilherme de Oliveira de Sousa

# O desenvolvimento e recepção de personagens não-binários em jogos eletrônicos

Quem nunca ouviu falar em games, mídias sociais ou afirmações de gênero? Essas são prerrogativas do mundo contemporâneo (mas não as únicas) a estarem inscritas no âmago da cultura pop, universo de infindáveis histórias e produtos, com ou sem profundidade estética, para agradar uma grande massa ou a uma mesa de engravatados que anseiam por mais lucro à sua empresa, e que englobam todo o impacto cultural de uma geração. Nesse meio, temos um objeto específico a analisar: o desenvolvimento de personagens não-binários em jogos eletrônicos e a sua recepção à comunidade gamer brasileira.

De antemão, compartilho meu conhecimento enquanto um jovem de 20 anos, que respira a cultura pop através de infindáveis horas *scrollando*<sup>1</sup> a timeline do X (antigo Twitter), que por meio deste, presencio inúmeros takes (opiniões pessoais, do inglês) diários sobre diversos conteúdos, mas para este artigo, restringir-me-ei a analisar partes do desenvolvimento de dois personagens não-binários: Venture, de Overwatch 2,

e Clove, de Valorant, e qual a reação da comunidade gamer brasileira, que por (muitas) vezes destila suas opiniões enraizadas cegamente em preconceitos datados (também esquecem que a reprodução dessas é passível de penalidade jurídica).

É possível compreender que a existência do questionamento de gênero permeia nossas mídias há muito tempo, e a transgeneridade não é nenhuma novidade no ramo, mas isso não significa que ela não seja lacunar nesse meio. A não-binariedade, enquanto identidade trans, necessita da leitura sensível em sua incorporação às narrativas, e a criação de jogos em escalas globais exige sensibilidade cultural; a representação precisa e respeitosa de diferentes identidades é essencial para construir personagens com os quais os jogadores se conectem

1. Scrollando: ato de rolar páginas on-line



verdadeiramente, e é aí que o aprofundamento no íntimo do personagem permite uma fidedigna ou miserável representação; e a propósito, a palavra “representação” merece uma clarificação: não é sobre colocarmos um personagem amarelo aqui, uma personagem lésbica ali e dizer que este é um elenco diverso; isso é ser raso como um pires. Representação é sobre traduzir as vivências e culturas ao mundo do fictício e da imaginação, mas sem deixar com que esses pontos de representação sumerizem tudo aquilo que a personagem é; você pode ser uma pessoa não-binária, e isso não te definirá como um alguém de uma única dimensão, você tem gostos e preferências, paixões e aspirações, orientações políticas e partidárias; somos seres multidimensionais, e o fazer de qualidade da escrita desses personagens deve importar essas mesmas camadas e dimensões que nos fazem únicos.

Daremos início a análise sobre a adaptação desses personagens ao português-brasileiro, mas antes de começar, é preciso explicitar que, do inglês ambos os personagens atendem pelos pronomes *they/them*, uma alternativa neologística para neutralizar o gênero de pessoas que entendem o seu próprio além do espectro binário mulher e homem, como explicado no excerto a seguir: “Em certo momento do debate [ocorrido no I Encontro

Nacional de Homens Trans em março de 2015] um desses jovens explicou o que era ser “não binário” da seguinte forma: “Entre o ‘homem’ e a ‘mulher’ existem vários gêneros; ser não binário é estar em qualquer ponto entre os pólos” [ele também] explicitou uma série de categorias de “não binários”, sendo quase todas em língua inglesa.” (Carvalho M. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas, 2018). Esses conceitos são importados a fora do contexto acadêmico brasileiro, e como forma de adaptação ao português, geralmente é selecionada a forma de tratamento *elu/delu*, porém, devido às burocracias gramaticais, não poderei usar esses pronomes com os personagens não-binários supracitados, logo, usarei *ele/dele* para me referir a eles.

Comecemos por Clove, personagem do jogo Valorant, da desenvolvedora Riot Games; em seu blog oficial, notamos que a adaptação foi feita de forma respeitosa à identidade do personagem em descrições: “Ainda que *elu* seja Controladore, nem pense em ficar de bobeira na retaguarda com Clove. Para habilitar o kit *delu*, você terá que correr riscos calculados e mergulhar na batalha.”, acrescentando também que ao longo do blog são descritas suas habilidades em jogo, e todo o fazer da construção desse personagem;

sobre sua nacionalidade, identidade e expressão de gênero; além da dublagem do jogo, em português brasileiro, trazer uma pessoa dubladora que se identifica como não-binária, e usa dos termos adaptados a linguagem neutra dentro do jogo, mas sem perder em vista a personalidade e originalidade do agente.

Por outro lado, temos Venture, de Overwatch 2, da desenvolvedora Blizzard Entertainment; se para o personagem jogável de Valorant foi possível tecer uma reprodução e adaptação fiel à identidade não-binária de Clove, aqui a história é outra. No inglês, Venture também atende pelos pronomes “they/them”, mas a adaptação ao português foi certamente curiosa, pois o time de tradução fez a escolha de ignorar artigos de tratamento. Ao longo do blog que discorre sobre a ideação e construção do personagem, na versão em português, não é usado uma única vez um ele, ou ela (muito menos um elu), a repetição do nome Venture é cansativa: “Estamos muito felizes com o fato de Venture estar...” “arte e a estética de Venture” “Fases iniciais do conceito de Venture” “Demos a Venture uma...” “vários componentes de Venture..” “o passado de Venture” (e isso se repete por mais 7 vezes ao longo do blog).

Essa falha no comprometimento com a identidade de gênero fragiliza a visão sobre a real perspectiva da empresa, pois é claro, qualquer empresa existe apenas para geração de lucro, e aqui a escolha é determinante; fingir que nada aconteceu, como se essas escolhas não representam a compactuação com preconceitos vigentes.

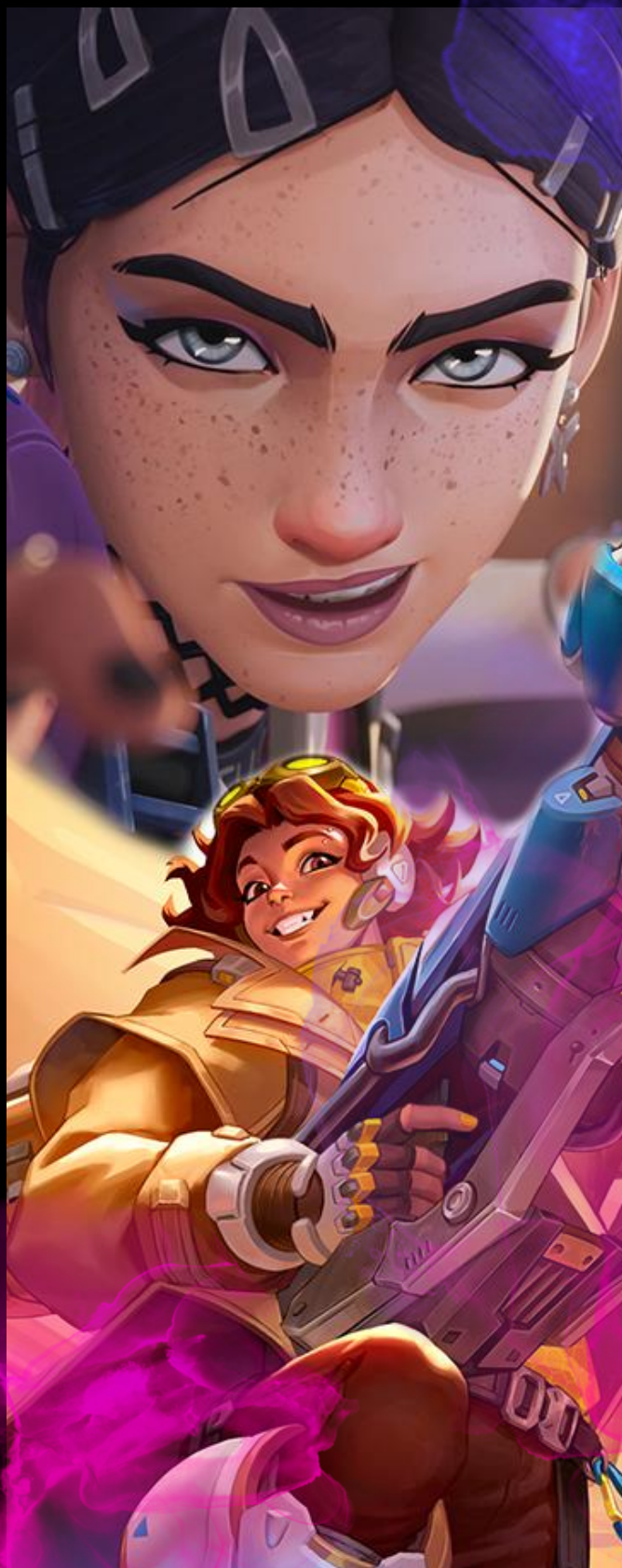
Reitero que ambos os personagens são propriedades intelectuais de suas respectivas empresas, que visam apenas o lucro como objetivo final, porém, ambas possuem suas IPs consagradas no âmago da cultura pop, que influencia além das questões monetárias, logo, uma boa representação pode contribuir positivamente para um público que desconhecia as questões de gênero, reforçando positivamente um discurso e narrativa sobre essas vivências, e a sua propagação ao público geral.



Porém, o público tem suas opiniões divergentes, e entre elas, algumas criminosas, que ressurgem do âmago preconceituoso o qual estamos inseridos. Para Renata “Vermelho” Brito, apresentadora e *caster* de VALORANT, “Inserindo Clove no jogo, uma pessoa não binária, tanto mostra para pessoas não binárias que elas pertencem ali, quanto ajudam a moldar a comunidade como um lugar mais inclusivo e seguro, mesmo que ainda tenham barreiras a serem quebradas.”. Entretanto, facilmente encontramos opiniões divergentes a de Renata, que não demonstram um embasamento crítico coerente, apenas a opinião pessoal guiada pelas raízes de natureza preconceituosa a respeito da iniciativa dessas desenvolvedoras.

Logo, é possível compreender que, como mídia frenética na cultura pop, este video-games representam grande impacto na vida de milhares de pessoas, e a inclusão das vivências trans em personagens desses meios qualifica o alcance dessas múltiplas vias para com o ser, mas também é necessária a visão crítica para com a intenção dessas empresas em criar essas narrativas, e com as opiniões que rompem com a presença de narrativas trans nos games.

Escrito por: Jader Vinicius de Moura Picoli



Colagem, Fonte: Blizzard Entertainment, Riot Games (05/09/2024)



# LGBTfobia ou norma gramatical?

Quando pensamos sobre o grupo LGBTQIA+, nos vemos em um looping de diversidade e lutas diárias, principalmente com o fator inclusão e respeito entre os diversos grupos sociais atuais. A luta pela igualdade dos seres e o simples viver vem sendo um tema constante nessa corrente.

Uma dessas lutas é o uso do pronome neutro para a inclusão de pessoas não-binárias na sociedade e fazer com que se sintam pertencentes ao lugar em que vivem, porque vidas importam. Entretanto, mesmo que a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) tenha sido derrubar a lei que proibia o uso do neutro dentro das escolas, há muitos estados que tentam coibir o uso. Esses casos vêm sendo muito polêmicos, porque o problema vai muito mais além do que “apenas” preconceito, ele também se dá devido às mudanças que seu uso causa na língua portuguesa.

Figura 1: Pessoa segurando placa escrito “olá, meus pronomes são”



Fonte: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/pessoa-segurando-papel-branco-da-impressora-IDxuUey3M5E>, 19 de novembro de 2020

O Dicionário Aurélio define o neutro como "gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, feminino e masculino", ou seja, o neutro, é aquele que é inanimado e não pode ser classificado nem como feminino, nem como masculino. Trazendo isso para um contexto de seres humanos, essa classificação se torna meio ambígua, porque somos seres animados, entretanto, a questão é sobre identificação de gênero, sobre como esse ser se sente em relação aos gêneros pré-determinados dentro da sociedade em que vivemos.

Segundo o professor Antônio Vicente, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, “Quando se trata de pronome neutro, já foi predeterminado que apenas um pedaço dela será alterado, o que torna o uso problemático, porque a língua está inteiramente interligada, não dá para apenas mudar uma parte dela, já que ela é uma sequência de redes que se ligam”.



# Três vertentes que classificam a complexidade do uso da linguagem neutra na norma culta:

1. A linguagem pode causar problemas estruturais no idioma. Mesmo esses sendo os indicativos do porquê a legalidade da linguagem neutra ser tão problemática, o uso dos pronomes neutros para se referir a sujeitos, lugares e objetos é uma das formas gramaticais para a morfologia da palavra, entretanto, há aceitação do outro e de seu gênero, a utilização dela vai muito além da teoria, é uma linguagem inclusiva que está diretamente vinculada ao respeito e à diversidade, ele responde a um movimento político de inclusão.

2. A palavra em si é "pelada" de fundamento, ela só ganha sentido a partir de um discurso, portanto ela pode se apresentar morfológica e semanticamente correta, mas no discurso ela pode ter outro significado, tendo em vista que ela pode não estar utilizando as ferramentas de neutralidade linguística. Embora seja uma questão individual, de conforto, ela é merecedora de integração como qualquer outra questão social. Cada pessoa se sente melhor com determinados pronomes e a flexibilização do uso dos pronomes, qualquer um deles, não se dá apenas pela forma de inclusão, mas pelo empoderamento e respeito com a identidade de cada ser.

3. O vocábulo está em constante mudança, considerando que a sociedade está em contínua metamorfose, forjando novas palavras e conceitos a todo momento, mesmo assim, vale ressaltar a distinção entre o vocábulo e a gramática: gírias, estrangeirismo e expressões não são mudanças radicais em um idioma; por isso, são aceitas e a gramática continua estável e consistente.

Escrito por: Luciana Zheng

Figura 2: homem segurando placa escrito "Meu filho não binário é meu herói"



Fonte: [https://unsplash.com/pt-br/fotografias/um-homem-segurando-um-sinal-VX-53\\_U3He8](https://unsplash.com/pt-br/fotografias/um-homem-segurando-um-sinal-VX-53_U3He8), 27 de junho de 2022

# Hormônios e saúde

O processo de hormonização em pessoas trans busca reduzir características associadas ao gênero atribuído às pessoas após o nascimento, para que elas comecem a possuir características do gênero com o qual se identificam. Junto a isso, surgem dúvidas a respeito da saúde e integridade dessas pessoas, pois, muitas vezes, esse processo se dá pela automedicação. Segundo Thais de Caux, em sua dissertação de mestrado “Estudos demonstram riscos associados ao uso de hormônios”, na contramão disso, existem especialistas que afirmam que seu uso pode ser seguro quando acompanhado de orientações médicas. Entretanto, a forma como a sociedade ainda enxerga essas pessoas faz com que elas sejam violentadas nesse processo de busca por acompanhamento médico para hormonização, e, na maioria das vezes, o Sistema Único de Saúde (SUS) mostra-se despreparado para atender essas pessoas. Sem contar que os próprios pais e familiares são contra o início da hormonização, quando se leva em consideração que essas pessoas trans ainda estão inseridas no núcleo familiar.

Figura 3: Um símbolo masculino e feminino feito de balões rosa e azul



Fonte: [https://unsplash.com/pt-br/fotografias/um-simbolo-masculino-e-feminino-feito-de-pilulas-rosa-e-azul-XLG5Zj\\_kAq4](https://unsplash.com/pt-br/fotografias/um-simbolo-masculino-e-feminino-feito-de-pilulas-rosa-e-azul-XLG5Zj_kAq4), 12 de março de 2024

## **Conversamos com uma mulher trans que recentemente iniciou seu processo de hormonização.**

- Quanto tempo demorou para que se iniciasse o uso de hormônios?

M.P. - 1 ano, 7 meses e 13 dias. E esse processo só se estendeu tanto porque minha mãe me via como confusa e esperava que isso fosse somente uma fase.

- Você chegou a se hormonizar por conta própria?

M.P. - Não cheguei a me hormonizar por conta própria. Por mais que eu tinha vontade [...] e tenha buscado na internet formas seguras de como fazer e quais hormônios usar, eu só não iniciei a automedicação por falta de privacidade, porque morava na casa da minha mãe.



- E quando surgiu a vontade de se hormonizar?

M.P. - Aos 16 anos, eu já sentia vontade de iniciar minha transição hormonal. Eu tinha disforia em relação ao meu corpo, sentia que ele não me pertencia e que, para eu ser quem eu sou, ele precisava mudar.

- Você recebeu acompanhamento psicológico nesse processo?

M.P. - Sim, eu sofria de ansiedade e já vinha sendo acompanhada. Mas o fato de me identificar como uma mulher para minha psicóloga gerou insegurança e desconforto, porque ela não era especializada na área.

- O acompanhamento e início da hormonização foram feitos pelos órgãos públicos? E foi de imediato seu atendimento?

M.P. - Minhas consultas com a psicóloga eram particulares. Já a transição hormonal é realizada pelo HU-UFSCar (Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos). De início, me senti um pouco insegura, pois não cheguei a passar pela triagem que costuma ser feita, mas isso só foi possível porque anteriormente eu tinha procurado o ambulatório da USP (Universidade de São Paulo) e eles me ajudaram a agilizar o processo. Então, eu tenho noção de que não foi para mim como para a maioria das pessoas e que esse processo pode se estender por mais tempo.

- Qual conselho você daria para quem quer iniciar a transição hormonal?

M.P. - Não desista. Eu sei que é burocrático e o sentimento de que o mundo está contra você é desanimador, mas se é algo que você realmente quer, não desista.

Vale a pena aguentar tudo e fazer o que for preciso para ter sua vida preenchida por aquilo que você sente que faltava, mas reiteramos que os especialistas não recomendam o uso de automedicação. O intuito dessa entrevista não é incentivar o uso de hormônios por conta própria, e sim relatar como funciona esse processo, que muitas vezes pode ser demorado e que é extremamente desgastante

Escrito por: Kennedy de Jesus Carvalho

Figura 4: Dispositivo medico com uma agulha acoplada a ela



Fonte: <https://unsplash.com/pt-br/fotografias/um-dispositivo-medico-com-uma-agulha-acoplada-a-ela-015VCdv4B-4>, 15 de novembro de 2022

# Inclusão e as barreiras de pessoas trans no esporte

## **Pessoas Trans no Esporte: Um Debate Complexo e em Evolução**

A participação de pessoas trans no esporte tem sido um tema de grande debate nos últimos anos. A busca por inclusão e igualdade de oportunidades para todas as pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, se choca com questões complexas sobre equidade competitiva e as características biológicas de cada indivíduo.

### **• Os Principais Pontos do Debate:**

**Vantagem Competitiva:** Um dos argumentos mais frequentes é que pessoas trans que passaram pela puberdade masculina possuem vantagens físicas em relação às pessoas cisgênero, como maior massa muscular e força. Essa percepção leva à preocupação de que elas poderiam ter uma vantagem injusta em competições femininas.

### **• Direito à Participação:**

Por outro lado, defensores da inclusão argumentam que a participação de pessoas trans é um direito fundamental e que a transfobia não deve ser usada como justificativa para a exclusão.

### **• Protocolos e Regulamentações:**

Diversas organizações esportivas, como o Comitê Olímpico Internacional (COI), têm desenvolvido protocolos para a participação de atletas trans em competições, buscando garantir a equidade e a inclusão. No entanto, esses protocolos estão em constante revisão e adaptação, à medida que novas pesquisas e evidências científicas são apresentadas.

### **• Impacto Psicológico:**

Além dos aspectos físicos e legais, o debate também envolve o impacto psicológico que a discussão sobre a participação de atletas trans tem sobre as próprias atletas, que muitas vezes sofrem com ataques e discriminação.



- **O Caso de Tiffany e Outros Exemplos**

O caso de Tiffany, a primeira atleta trans a disputar a Superliga Feminina de Vôlei, é um dos exemplos mais conhecidos no Brasil. Sua participação gerou um grande debate na mídia e nas redes sociais, colocando em evidência as complexidades da questão.

- **Outros casos de atletas trans que ganharam destaque internacional incluem:**

Lia Thomas: Nadadora universitária norte-americana que se tornou um dos rostos mais visíveis do debate sobre a inclusão de atletas trans.

Laurel Hubbard: Levantadora de peso neozelandesa, a primeira mulher trans a competir nos Jogos Olímpicos.

Relembre o caso Tiffany, primeira atleta trans a disputar a Superliga - LANCE!:



## **Desafios e Perspectivas Futuras**

- **A inclusão de pessoas trans no esporte ainda enfrenta diversos desafios, como:**

Falta de consenso científico: A comunidade científica ainda não possui um consenso sobre a extensão das vantagens físicas que pessoas trans podem ter em determinadas modalidades esportivas.

- **Pressão social e política:**

A discussão sobre a participação de atletas trans é frequentemente influenciada por questões políticas e ideológicas, o que dificulta a busca por soluções consensuais.

- **Impacto na saúde mental:**

A transfobia e a discriminação enfrentadas por atletas trans podem ter um impacto significativo em sua saúde mental.

Apesar dos desafios, a tendência é que o debate sobre a inclusão de pessoas trans no esporte continue a evoluir. Novas pesquisas, políticas e regulamentações serão desenvolvidas para garantir que todas as pessoas tenham a oportunidade de praticar esportes e competir em condições de igualdade.

Escrito por: Maria Clara Ghidini

# Bibliografia

DE CAUX, THAÍS ROLLA. "O HORMÔNIO TRAZ PRA REALIDADE TODOS OS NOSSOS SONHOS OCULTOS": A EXPERIÊNCIA DE MULHERES TRANSEXUAIS E TRAVESTIS COM O PROCESSO MEDICAMENTOSO DE HORMONIZAÇÃO. Repositório Institucional da UFMG. 29 de agosto de 2018. Disponível em: [<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-BB9JTM>]. Acesso em 05 de set. 2024.

VALERI, Julia. "Gramática normativa X linguagem neutra: uma batalha pelo futuro da norma culta portuguesa. Jornal da USP. 10 de abril de 2023. Atualidades. Disponível em: [<https://jornal.usp.br/atualidades/gramatica-normativa-x-linguagem-neutra-uma-batalha-pelo-futuro-da-norma-culta-portuguesa/>]. Acesso em 05 de set. 2024.

SANTOS, Alice. "Elu", "amigue" e "bonite": os termos neutros como forma de inclusão. UFSM. 12 de novembro de 2021. Revista Arco. Disponível em: [<https://www.ufsm.br/midias/arco/pronome-neutro-inclusao>]. Acesso em 05 de set. 2024.

VERBICARO SOARES, D.; DINIZ, J. K. O. VISIBILIDADE SOCIAL POR MEIO DA INFLUÊNCIA MUSICAL DE LINIKER, PABLO VITTAR, GLORIA GROOVE E TRIZ. DI@LOGUS, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 21–36, 2020. DOI: 10.33053/dialogus.v9i3.32. Disponível em: [<https://revistaelectronica.unicruz.edu.br/index.php/dialogus/article/view/32>]. Acesso em: 05 de set. 2024.

CARVALHO, M.. "Travesti", "mulher transexual", "homem trans" e "não binário": interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. Cadernos Pagu, n. 52, p. e185211, 2018. Disponível em: [<https://doi.org/10.1590/1809444920100520011>]. Acesso em 05 de set. de 2024.

NEGRINI, Danielli dos Passos, SILVA, Elenara Donato, ALVES, Woodmara, Silva Pedruzzi<sup>1</sup>, PEDRINI, Mateus Dias. A Vivencia Psicossocial de Pessoas transgênero a partir de relatos. Multivix. Revista Científica Espaço Multiacadêmico. Disponível em: [<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2022/05/a-vivencia-psicossocial-de-pessoas-transgenero-a-partir-de-relatos.pdf>]. Acesso em 05 de set. de 2024.

OLIVEIRA, Igor. VALORANT recebe primeiro agente não-binário; veja o que jogadores acharam. Terra. 3 de maio de 2024. Game On. Disponível em: [<https://www.terra.com.br/gameon/esports/valorant-recebe-primeiro-agente-nao-binario-veja-o-que-jogadores-acharam,903b3d96b80ba39402a670bb9cd8ce2b8ao45p26.html>]. Acesso em 05 de set de 2024.

ARAGON, Jo-Ellen. LANDESS, Cole. CLOVE: A MORTE É SÓ O COMEÇO. playvalorant. 24 de março de 2024. Atualizações do jogo. Disponível em: [<https://playvalorant.com/pt-br/news/game-updates/clove-a-morte-e-so-o-comeco/>]. Acesso em 05 de set de 2024.

BLIZZARD. FAZENDO HISTÓRIA - EXPLORANDO O DESENVOLVIMENTO DE VENTURE. overwatch.blizzard. 17 de abril de 2024. Overwatch 2. Disponível em: [<https://overwatch.blizzard.com/pt-br/news/24072104/>]. Acesso em 05 de set de 2024.



# Integrantes

- Guilherme de Oliveira de Sousa
- Kennedy de Jesus Carvalho
- Jader Vinicius de Moura Picoli
- Luciana Zheng
- Maria Clara Ghidini



**E-zine 2024**

